

Implicações do *ethos* para a leitura do discurso literário: análise de um poema de Gregório de Matos

Eduardo Lopes Piris*

Resumo

De um modo geral, este trabalho trata do problema da produção e da recepção do discurso literário, mais especificamente da relação entre o autor e o seu leitor, focalizando o papel que o *ethos* e suas noções conexas desempenham na construção das relações intersubjetivas entre enunciador e co-enunciador. Assim, com base na Análise do Discurso dita de linha francesa, ilustraremos essas questões procedendo à análise de um poema de autoria de Gregório de Matos, considerando o sistema de valores do século XVII, os quais permeiam a construção desse discurso, de suas instâncias subjetivas, de seu sentido, enfim. Os resultados mostram de que maneira a Análise do Discurso pode contribuir para a questão da leitura da obra literária enquanto discurso.

Palavras-chave: discurso literário, barroco, leitura, *ethos*.

Abstract

This work deals with the problem of the production and the reception of the literary discourse, more specifically of the relationship between the author and its reader, focusing the role that the *ethos* and its related notions develop in the construction of the intersubjective relationships between enunciator and co-enunciator. Thus, based on the French Discourse Analysis, we will exemplify these questions with an analysis of a poem by Gregorio de Matos, considering the system of values of century XVII which cross the construction of this discourse, of its subjective instances, of its meaning. The results show how the French Discourse Analysis contributes to the question of the reading of the literature as literary discourse.

Keywords: literary discourse, baroque, reading, *ethos*.

O *ETHOS* DISCURSIVO E SUAS NOÇÕES CONEXAS

Inicialmente, cabe dizer que a noção de *ethos* tem origem na *Retórica* de Aristóteles e, atualmente, vem sendo discutida por analistas do discurso de diversas tendências teóricas, os quais não chegam a estabelecer um consenso sobre sua concepção. De um modo bem geral, essa problemática envolvendo o *ethos* pode ser observada nas duas tendências a seguir.

Há teorias que vêem o *ethos* como parte de um jogo de estratégias arquitetadas por um orador que visa conscientemente a persuadir seu ouvinte, porque, entre outras razões, tais teorias entendem que o sujeito da enunciação é o centro gerador de sentidos, isto é, o sujeito é abordado aí em sua homogeneidade. Por outro lado, há tendências da Análise do Discurso que trabalham com um sujeito discursivo construído em sua heterogeneidade, ou seja, o sujeito é constituído não por meio de seu próprio discurso, mas sim de outros discursos: o sujeito não possui seu discurso, são os discursos que o determinam. Essa será a perspectiva adotada por nós neste trabalho.

Partindo desse pressuposto teórico, Maingueneau (1999, p. 76) entende que a instância subjetiva que se manifesta através do discurso, pelo *ethos*, vai além de seu estatuto e de seu papel, porque ela é concebida como uma “voz” e também como um “corpo enunciante” historicamente especificado e inscrito numa situação que sua enunciação, simultaneamente, pressupõe e valida progressivamente.

Ao integrar o *ethos* retórico à Análise do Discurso, Maingueneau também integrou e reelaborou as noções de tom, corpo e caráter de forma que pudesse aplicá-las a textos escritos. Assim, se desenvolveu uma noção de *ethos* capaz de compreender as dimensões vocal, física e psíquica ligadas à imagem criada do enunciador.

Segundo esse autor (2002, p. 98), todo discurso possui um tom (uma voz) que dá autoridade ao que é dito. E é esse tom que permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador, mas não do corpo do falante empírico, de carne e osso, e sim de uma instância subjetiva encarnada que assume o papel do **fiador** do discurso enunciado.

A corporalidade (dimensão física desse fiador) se associa a um modo de se vestir e de se movimentar num espaço social, enquanto que o caráter (dimensão psíquica do fiador) corresponde a um feixe de traços psicológicos. São dimensões que se apóiam em representações sociais axiologizadas, ou seja, estereótipos culturais valorizados positiva ou negativamente (Maingueneau, 1999, p. 79). Assim, a qualidade do *ethos* está associada à imagem de um fiador que confere a si próprio uma identidade compatível

com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado (Maingueneau, 2002, p. 99). Em suma, as representações sociais axiologizadas pela ideologia e impostas pelas formações discursivas, além de impor o que o enunciador deve e pode dizer, impõem também o modo como ele deve e pode se apresentar perante seu co-enunciador¹, ou ainda, como se colocar no mundo.

Se, por outro lado, essas coerções impostas pela formação discursiva incidirem sobre o co-enunciador, observar-se-á então o que Maingueneau (1997, p. 48-49) denomina **incorporação** do *ethos*: noção que designa a mescla entre a formação discursiva e seu *ethos* que ocorre na enunciação. Isto é, a partir de uma gama de estereótipos predispostos socialmente, o co-enunciador confere um *ethos* ao fiador do discurso, ao passo que assimila um modo de ser no espaço social. Para o autor, a noção de incorporação parece compreender melhor esse fenômeno de identificação do sujeito com uma formação discursiva do que a noção de assujeitamento².

Além das noções de fiador e de incorporação, é preciso ter em vista outras duas noções para o entendimento do problema do *ethos*: o **gênero do discurso** e a **cena enunciativa**.

Para isso, o analista não pode considerar o gênero apenas como uma forma estanque, mas como um dispositivo de comunicação instituído sócio-historicamente. Eis que cada gênero implica um determinado tipo de *ethos*, ou seja, um modo de enunciar axiologizado conforme a situação de enunciação e o contexto sócio-histórico.

Essa relação entre *ethos* e gênero discursivo pode, entretanto, se apresentar de maneira mais ou menos flexível dependendo do próprio gênero do discurso, o que possibilita a construção de cenas enunciativas mais ou menos usuais e a criação de efeitos de sentido variados. Por exemplo, um discurso político de campanha eleitoral pode ser apresentado na forma de um diálogo entre pai e filho, contudo um discurso científico de divulgação já não pode aparecer na forma de uma comédia, pois seu *ethos* cômico não autorizaria nem legitimaria tal discurso científico.

É nesse sentido que Maingueneau estabelece a noção de cena enunciativa. Para ele, essa noção integra três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Retomando o exemplo acima, a cena englobante corresponde ao tipo de discurso – o político; a cena genérica corresponde ao gênero – a propaganda eleitoral; já a cenografia corresponde ao texto em si – o diálogo entre pai e filho –, é o que aparece mais nitidamente para o leitor, pois é, nesse exemplo, com o diálogo entre pai e filho que o leitor se depara e não exatamente com o discurso político, já que este foi deslocado para o segundo plano.

Para concluir essa apresentação teórica, vale dizer que, em *Análise do Discurso*, o estudo da relação entre as noções de *ethos*, cena enunciativa e gênero do discurso não se restringe à observação das estratégias de persuasão e de suas formas de apresentação, pois o que se deve ter em conta são as restrições estabelecidas sócio-historicamente que regulam o discurso.

UMA BREVE ILUSTRAÇÃO

Toda a problemática do *ethos* aflora quando o analista se propõe a cotejar um texto distante de si no tempo e no espaço. Principalmente, por que a hermenêutica exigida pela *Análise do Discurso* irá conduzi-lo à contextualização e à recuperação das representações sociais de um determinado momento enunciativo. Tome-se um poema sacro do barroco brasileiro seiscentista, por exemplo. Se a incorporação se dá no momento da leitura, certamente não é a imagem de um co-enunciador do século XXI que estava em questão naquela sociedade baiana do século XVII. Seria preciso, então, considerar a recepção do discurso no momento de seu surgimento histórico para se estabelecer uma imagem de co-enunciador mais apropriada às coerções daquela época. E isso já implica outra maneira ler o poema. Vejamos, pois, o poema "Buscando a Cristo", de autoria de Gregório de Matos Guerra:

Buscando a Cristo

À vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, p'ra chamar-me

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

O quadro cênico compõe-se da cena literária como a cena englobante e da poesia sacra barroca como a cena genérica. Mas, é a cenografia de um diálogo que é oferecida em primeiro plano ao leitor, que, dessa forma, é convidado a dialogar com Cristo no Calvário.

Essa cenografia do diálogo no Calvário constrói um mundo que valoriza a redenção, implicando um *ethos* compatível com as representações desse mundo construído no enunciado. Seu fiador se apresenta, então, como um pecador digno de castigo e de condenação que encontra o perdão, a unção e o chamado de Cristo ao buscá-lo no momento da expiação. Assim, o co-enunciador incorpora esse jeito de ser no mundo e, assimilando seus valores, sente-se membro desse grupo de fiéis unidos e atados a Cristo.

Contudo, um detalhe que não transparece é que toda essa sacralização do *ethos* no diálogo é dita pelo enunciador e não por Cristo, quer dizer, não é Cristo quem diz que perdoa, mas é o enunciador, assim como não é Cristo quem não condena e não castiga, mas o enunciador. Trata-se aí de se observar um efeito de sentido que ajuda a revelar a engenhosidade e a agudeza da poesia barroca de Gregório de Matos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mencionamos a engenhosidade barroca de Gregório de Matos, apresentando apenas a questão do *ethos*, não no sentido de desconsiderar os recursos estilísticos já tão bem reconhecidos em sua poesia, tais como os silogismos, a antítese, a anáfora etc. O objetivo foi mostrar de que maneira a *Análise do Discurso* pode contribuir para a leitura de um texto literário. Nosso foco reside não na relação argumentativa que há entre o eu poético e Cristo, mas sim nos sistemas de valores que constituem a prática discursiva de tal fazer poético e o caráter dos sujeitos envolvidos nessa prática e nesse contexto sócio-histórico.

A literatura vista como discurso revela modos de ser e de presença no mundo, os quais também podem ser percebidos em outras esferas da atividade humana: a política, a jurídica, a religiosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Ethos, scénographie, incorporation. In: AMOSSY, Ruth. *Images de soi dans le discours. La construction de l'éthos*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

NOTAS

* Mestre em Lingüística pela Universidade de São Paulo e doutorando em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professor de Lingüística, Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino nos cursos de Letras e Pedagogia da Faculdade Montessori de Ibiúna.

¹ Termo introduzido pelo lingüista francês Antoine Culioli para substituir o termo *destinatário* e, assim, destacar que a enunciação é, de fato, uma co-enunciação, ou seja, que os dois parceiros da enunciação desempenham um papel ativo.

² A noção de assujeitamento é elaborada por Louis Althusser no campo do materialismo histórico e, depois, adotada por Michel Pêcheux em suas primeiras obras sobre Análise do Discurso.